



TRADUÇÃO

## ENTRE A GENTE<sup>70</sup> DE AUDRE LORDE

TRADUÇÃO DE RAFAEL DE ARRUDA SOBRAL

**Rafael Sobral**

*Universidade de Campina Grande (UFCG), Brasil*  
rafael.sobral@ccc.ufcg.edu.br

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v4i1.26606>

Recebido em: 11/08/2019

Aceito em: 23/06/2020

Publicado em dezembro de 2020

Outrora quando eu entrava em uma sala  
meus olhos procurariam por uma ou duas faces negras  
por contato ou reafirmação ou um sinal  
eu não estava sozinha  
agora entrando em salas cheias de faces negras  
que me destruiriam por qualquer diferença  
para onde meus olhos devem olhar?  
Outrora era fácil saber  
quem era meu povo.

Se fossemos despedidas à nossa força  
de toda pretensão  
e nossa carne fosse toda cortada  
o sol alvejaria todos os nossos ossos tão brancos  
quanto a face negra de minha mãe

---

<sup>70</sup> “*Between Ourselves*” é um poema que também intitula um dos livros de poesia de Audre Lorde (1934-1992) e no qual ele foi primeiramente publicado, sendo republicado em outro livro de poesia anos depois. Para a produção desta tradução foram usadas ambas versões do poema, uma vez que existem pequenas diferenças entre alguns versos e palavras. Ambas versões se encontram no livro “*The collected poems of Audre Lorde*”, uma coleção de poesia com (quase) todos os poemas publicados pela poeta. Cf.: LORDE, Audre. *Between Ourselves*. In.\_\_\_\_: *The collected poems of Audre Lorde*. New York: W. W. Norton & Company, 2000a, p. 223-225; \_\_\_\_\_. *Between Ourselves*. In.\_\_\_\_: *The collected poems of Audre Lorde*. New York: W. W. Norton & Company, 2000b, p. 323-325.



foi alvejada branca por ouro  
ou Oxalá  
e como  
isso me mensura?

Eu não acredito que  
nossos desejos tornaram todas nossas mentiras  
sagradas.

Sob o sol às costas de Elmina  
um homem negro vendeu a mulher que carregava  
minha avó em sua barriga  
ele foi pago com moedas amarelas luminosas  
que brilhavam ao sol crepuscular  
e nas faces de seus filhos e filhas.  
Quando eu vejo aquele irmão por trás de meus olhos  
sua íris é sem sangue e sem cor  
sua língua tilinta como moedas amarelas  
arremessadas nesta costa  
onde nós compartilhamos dos mesmos cantos  
de um céu alienígena e corrompido  
e sempre que eu tento engolir  
as palavras  
de fácil negritude como salvação  
eu sinto o sabor da cor  
da primeira traição de minha avó.

Eu não acredito que  
nossos desejos  
tornaram todas nossas mentiras  
sagradas.

Mas eu não assobio seu nome diante do santuário de Xapanã



eu não derramo o suco auspicioso da morte sobre ele  
nem esqueço que Oxalá  
é chamado deus de brancura  
que trabalha nos ventres escuros da noite  
formando os contornos que todas vestimos  
para que até aleijados e anões e albinos  
sejam adoradores sagrados  
quando o milho cozido é ofertado.

A humildade jaz  
na face da história  
eu tenho perdoado a mim mesma  
por ele  
pela carne branca que  
nós todas consumimos em segredo  
antes de termos nascido  
nós compartilhamos da mesma refeição.  
Quando você me empala  
em suas lanças de restrita negritude  
antes de você ouvir meu coração falar  
lamente seu próprio sangue emprestado  
suas próprias visões emprestadas  
cantando através de uma língua estrangeira.  
Não confunda minha carne com a do inimigo  
não escreva meu nome na poeira  
perto do santuário do deus da varíola  
pois somos todas filhas de Exu  
deus de possibilidade e imprevisibilidade  
e todas nós vestimos muitas mudanças  
dentro da pele.

Armada com cicatrizes  
curada



em muitas cores diferentes  
eu olho em minhas próprias faces  
como uma filha de Exu chorando  
se nós não pararmos de matar  
o outro  
na gente  
a gente que odiamos  
nos outros  
logo nós cairemos  
na mesma direção  
e os sacerdotes de Eshidale<sup>71</sup> estarão muito ocupados  
eles sozinhos podem enterrar  
todos que procuram sua própria morte  
saltando acima da terra  
e decaindo sobre suas cabeças.

---

<sup>71</sup> N.T.: “Eshidale” é um nome não traduzido para o português brasileiro devido à especificidade do termo, sendo uma referência a um Orixá cultuado apenas em Ifé, no estado de Osun (Nigéria), logo, não há registro de culto ao mesmo no Brasil.



***BETWEEN OURSELVES***<sup>72</sup>  
**DE AUDRE LORDE**

*Once when I walked into a room  
my eyes would seek out the one or two black faces  
for contact or reassurance or a sign  
I was not alone  
now walking into rooms full of black faces  
that would destroy me for any difference  
where shall my eyes look?  
Once it was easy to know  
who were my people.*

*If we were stripped to our strength  
of all pretense  
and our flesh was cut away  
the sun would bleach all our bones as white  
as the face of my black mother  
was bleached white by gold  
or Orishala  
and how  
does that measure me?*

*I do not believe  
our wants have made all our lies  
holy.*

*Under the sun on the shores of Elmina  
a black man sold the woman who carried  
my grandmother in her belly*

---

<sup>72</sup> Cf.: LORDE, Audre. *Between Ourselves*. In. \_\_: *The collected poems of Audre Lorde*. New York: W. W. Norton & Company, 2000a, p. 223-225; \_\_. *Between Ourselves*. In. \_\_: *The collected poems of Audre Lorde*. New York: W. W. Norton & Company, 2000b, p. 323-325.



*he was paid with bright yellow coins  
that shone in the evening sun  
and in the faces of her sons and daughters.  
When I see that brother behind my eyes  
his irises are bloodless and without colour  
his tongue clicks like yellow coins  
tossed up on this shore  
where we share the same corner  
of an alien and corrupted heaven  
and whenever I try to eat  
the words  
of easy blackness as salvation  
I taste the colour  
of my grandmother's first betrayal.*

*I do not believe  
our wants  
have made all our lies  
holy.*

*But I do not whistle his name at the shrine of Shopona  
I do not bring down the rosy juices of death upon him  
nor forget Orishala  
is called the god of whiteness  
who works in the dark wombs of night  
forming the shapes we all wear  
so that even the cripples and dwarfs and albinos  
are sacred worshipers  
when the boiled corn is offered.*

*Humility lies  
in the face of history  
I have forgiven myself*



*for him  
for the white meat  
we all consumed in secret  
before we were born  
we shared the same meal.  
When you impale me  
upon your lances of narrow blackness  
before you hear my heart speak  
mourn your own borrowed blood  
your own borrowed visions  
singing through a foreign tongue.  
Do not mistake my flesh for the enemy  
do not write my name in the dust  
before the shrine of the god of smallpox  
for we are all children of Eshu  
god of chance and the unpredictable  
and we each wear many changes  
inside our skin.*

*Armed with scars  
healed  
in many different colors  
I look in my own faces  
as Eshu's daughter crying  
if we do not stop killing  
the other  
in ourselves  
the self that we hate  
in others  
soon we shall all lie  
in the same direction  
and Eshidale's priests will be very busy  
they who alone can bury*



*all those who seek their own death  
by jumping up from the ground  
and landing upon their heads.*

### **Biografia da autora**

Audre Lorde (1934-1992) é uma poeta afro-caribenha estadunidense, feminista, negra, lésbica, mãe, ativista e professora. Ao longo de sua vida, usou sua poesia para vociferar as dores e prazeres, assim como a genealogia mitológica que dá vida às experiências de mulheres negras lésbicas, tendo-se tornado ainda em vida um ícone para o movimento negro e feminismo negro lésbico. Publicou muitos livros de poesia, dentre eles *“The First Cities”* (1968), *“From a Land Where Other People Live”* (1973), *“Between Our Selves”* (1976), *“The Black Unicorn”* (1978) e *“Our Dead Behind Us”* (1986). Além disso, publicou textos em prosa e também o que ela chamou de “biomitografia”: *“Zami: a new spelling of my name”* (1982). Audre Lorde morreu de câncer em 1992, mas o seu legado poético segue vivo até os dias de hoje.

### **Resumo da obra**

*“Between Ourselves”* é um poema que também intitula o sexto livro de poesia de Audre Lorde. *“Between Our Selves”* é um pequeno volume que conta com apenas sete poemas, incluindo o escolhido para a presente tradução. Todos os poemas publicados nesse livro foram reeditados pela autora com pequenas alterações e republicados em seus outros volumes de poesia, tal como o poema *“Between Ourselves”* foi republicado no livro *“The Black Unicorn”* (1978), no qual ela também inclui um glossário de nomes africanos mencionados em seus poemas, em uma espécie de dicionário genealógico e mitológico. Assim, o livro e seus poemas registram a potência da palavra poética de Audre Lorde, uma vez que as experiências de mulheres negras lésbicas ancestrais encarnam em sua poesia e dão vida e voz ao saber negro feminino sagrado.



## Uma tradução sobre encruzilhadas poéticas ancestrais

O objetivo da presente tradução de *“Between Ourselves”* é recriar saberes ancestrais genealógicos e mitológicos nas formas, sentidos, imagens, sons e contextos encarnados nas textualidades da poesia de Audre Lorde em português brasileiro. Com base na experiência pessoal do tradutor com a leitura e reescrita — tradução — de poemas de Audre Lorde (dentre outras poetisas da diáspora afro-americana) — em encruzilhada com a experiência de saber ancestral — a tradução foi tomando a sua forma atual, o sussurro poético espiritual tornou-se tinta, letra, palavra, verso e assim fez-se poesia traduzida nas materialidades do português brasileiro.

“Entre a gente” é uma escolha tradutória que diz respeito à nós mesmas e à nós mesmos: a gente que vive onde vivemos, sob o contexto histórico-cultural ao qual estamos enraizadas/os e sob as pretensões ideológico-políticas que nos cerceiam e ameaçam a nossa vida e a vida dos nossos e das nossas, crianças frutos de nosso amor e vontade de fazer-se saber e poder para viver e valer. Logo, o poema vocífera sobre saberes ancestrais marcados pela história da escravidão, racismo e intolerância religiosa, seja no Brasil, seja pelas Américas, ou mesmo em Elmina (cidade de antigo porto escravocrata localizado no golfo da Guiné, em Gana, na África).

A decisão de manter a pontuação de todo o poema, assim como a disposição dos versos e demais características específicas do poema “ao-pé-da-letra” justificase por este projeto de tradução desejar tornar o texto-primeiro um outro texto em outra língua e cultura, mas sem normalizá-lo ou naturalizá-lo, pois não seria nem um pouco coerente ao saber poético ancestral de Audre Lorde torná-la uma palavra comum ou padronizada aos leitores brasileiros, uma vez que a diferença e o estranhamento são partes essenciais à descoberta do respeito necessário à quem somos ou temos medo de ser ou se tornar, entretanto o estrangeiro pode ser familiar aos nossos corações uma vez colonizados pela história, mas não mais explicitamente escravizados hoje, logo que descobrimos a força existente em nossas sementes, raízes, galhos, folhas e frutos que se espalham, esparramam-se e dão vida a novas e diferentes forças.



As alterações que se dispõem ao longo do poema traduzido dizem respeito às materialidades necessárias para uma tradução em outra língua e cultura, sendo a tradução dos nomes feita segundo a genealogia mitológica e ancestral que também diz respeito às experiências brasileiras, desde o Iorubá e religiões de matrizes afro-americanas e ameríndias, Umbanda e Candomblé, por exemplo, às experiências de escravidão secular que se desdobram, em muitos casos, até os dias de hoje. A própria Audre Lorde (2000c) escreveu um glossário com alguns nomes africanos mencionados em seus poemas, em uma espécie de dicionário genealógico e mitológico desenvolvido pela poeta como uma forma de explicar aos leitores os sentidos marcados nas palavras escolhidas. Apenas um nome não é traduzido no poema todo: “Eshidale” é uma referência a um Orixá cultuado somente na região de Ifé, em Osun (Nigéria), não havendo até os dias de hoje registro de culto ao mesmo no Brasil, logo não sendo possível traduzir seu nome por outro equivalente em português brasileiro.

Justamente por esta perspectiva de desenvolvimento, o presente projeto de tradução pretende-se único, singelo, por ser apenas uma tradução, dentre muitas possíveis. Esta é uma das primeiras traduções do poema “*Between Ourselves*” para o português brasileiro, pois se antes já traduzido, ainda não publicado em livro, vale-se ressaltar. Entretanto, nas entrelinhas desta tradução faz-se referência a outros textos poéticos que possibilitam pensar tais materialidades e ancestralidades que vivificam as palavras poéticas aqui consideradas: o livro “*Borderlands/La frontera: the new mestiza*” (2000), de Anzaldúa, pela metáfora da encruzilhada; a coletânea “*This bridge called my back: writings by radical women of color*” (2005), organizado por Moraga e Anzaldúa, sobre saberes primários desde diferentes feminismos e diásporas; a coleção “*The days of good looks: the prose and poetry of Cheryl Clarke, 1980 to 2005*” (2006), da própria Cheryl Clarke, por ter sido a obra que primeiro inspirou o estudo da poesia de Audre Lorde à culminar nesta e em outras traduções; as traduções de Thamires Zabotto em “A invocação dos Orixás na poesia de Audre Lorde” (2015), por ter sido o primeiro contato pessoal com a tradução de Audre Lorde no Brasil; os estudos de Flotow (2012), pelas possibilidades de “transformação” na tradução; e os estudos de Spivak (2000), por explicitar tão veementemente o discurso da política da tradução e a força da tradução política. Deseja-se, enfim,



que todas essas vozes ancestrais ressoem a justiça da paz sagrada feminina negra sobre as diásporas e encruzilhadas a devir em tradução.

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Glória. *Borderlands/La frontera: the new mestiza*. 1st ed. San Francisco: Aunt Lute, 2000.

CLARKE, Cheryl. *The days of good looks: the prose and poetry of Cheryl Clarke, 1980 to 2005*. New York: Carroll & Graf Publishers, 2006.

FLOTOW, Luise von. "Translating women: from recent histories and re-translations to <<queerying>> translation, and metramorphosis". *Quaderns. Revista de Traducció*, 19, 2012, p. 127-139.

LORDE, Audre. Between Ourselves. In.\_\_\_\_: *The collected poems of Audre Lorde*. New York: W. W. Norton & Company, 2000a, p. 223-225.

\_\_\_\_. Between Ourselves. In.\_\_\_\_: *The collected poems of Audre Lorde*. New York: W. W. Norton & Company, 2000b, p. 323-325.

\_\_\_\_. Glossary of African names used in the poems. In.\_\_\_\_: *The collected poems of Audre Lorde*. New York: W. W. Norton & Company, 2000c, p. 330-333.

MORAGA, Cherríe; ANZALDÚA, Gloria (Ed.). *This bridge called my back: writings by radical women of color*. 4th ed. State University of New York Press, 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. The politics of translation. In.\_\_\_\_: VENUTI, Lawrence (Org.). *The Translation Studies Reader*. London and New York: Routledge, 2000.

ZABOTTO, Thamires. A invocação dos Orixás na poesia de Audre Lorde. *Escamandro*. 2015. Disponível em: <<<https://escamandro.wordpress.com/2015/01/14/a-invocacao-dos-orixas-na-poesia-de-audre-lorde-por-thamires-zabotto/>>>. Acesso em: 10/08/2019.

## Biografia do tradutor

**Rafael de Arruda Sobral** é estudante de Ciência da Computação pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), onde também se graduou em licenciatura em Letras – Inglês (2018). Atualmente, é professor de inglês e tradutor, tendo desenvolvido ao longo de seus jovens dias poesia escrita, poemas em prosa e tradução de poesia de mulheres escritoras, tais como Cheryl Clarke, Audre Lorde, Joy Harjo, Elizabeth Bishop e Emily Dickinson.